

# DELINEANDO MASCULINIDADES DESDE A INFÂNCIA

Alexandre Toaldo Bello\*

Jane Felipe\*\*

## Resumo

O objetivo deste texto é discutir algumas questões sobre a constituição das masculinidades no contexto de uma escola de Educação Infantil, observando alguns dos investimentos feitos para que as crianças se constituam como homens e mulheres heteronormatizados. Para a realização das análises, foram utilizados como referencial teórico os Estudos de Gênero, algumas contribuições dos Estudos Culturais em aproximação com a perspectiva pós-estruturalista de análise. As observações foram feitas com um grupo de vinte e cinco crianças de cinco anos de idade, de uma escola infantil da Rede Municipal de Educação da cidade de Porto Alegre, no período de dois meses, totalizando cem horas de observação.

**Palavras-chave:** Infâncias. Gênero. Masculinidades.

## SOBRE AS TEORIAS

A cebola tem de estar finamente picada. Sugiro-lhes colocar um pequeno pedaço de cebola na moleira, com a finalidade de evitar o desagradável lacrimejar que se produz quando alguém a está cortando. O ruim de chorar quando a gente pica cebola não é o simples fato de chorar, mas sim o de que às vezes se começa, como se diz, a gente se pica, e não pode mais parar. Não sei isso já lhes aconteceu, mas a mim, para falar a verdade, sim. Uma infinidade de vezes [...] (ESQUIVEL, 1993, p. 3).

Assim começa o romance da literatura mexicana *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel, que tem como subtítulo *Romance em fascículos mensais com receitas, amores e remédios caseiros*. A partir desse trecho da obra podemos tecer alguns comentários acerca de como nos relacionamos com as teorias. Relacionamento pois, não raras vezes, nos colocamos em diálogo com os/as autores/as, pedindo explicações, tendo vontade de “palpitar” em seus trabalhos, saber mais, e, principalmente, pedir conselhos.

As teorias têm, muitas vezes, um efeito semelhante ao que a cebola tinha sobre *Tita*, personagem da história acima referida. Quando lemos, de alguma forma, nos lemos juntos, nos damos sentido, ou, ainda, percebemos nossos sentidos em alguns momentos se desfazerem. Acabamos, por assim dizer, “nos picando juntos”. A esse picado acrescentamos temperos, misturamos ingredientes diversos, algumas vezes ousamos em combinar coisas inusitadas, mas esperamos que resultem saborosos. Depois de todo esse processo estar encerrado, finalmente é hora de alguém degustar o que foi produzido, avaliar-lhe a qualidade, o sabor. É nesse ponto que estamos, depois de apresentarmos o que preparamos (o caldo que fizemos), dar ao conhecimento os ingredientes que utilizamos, resta-nos aguardar o veredicto, saber enfim se nossas misturas foram palatáveis aos comensais, e, depois disso, mais uma vez (e que bom que é assim), voltarmos à “cozinha” para fazermos novos arranjos teóricos para explicar o que nos propusemos.

\* Professor do município de Porto Alegre. Doutorando em Educação (UFRGS) alexandre.bello@ufrgs.br

\*\* Doutora em Educação, com Pós-doutorado em *Cultura Visual* pela Universidad de Barcelona. Professora do PPGE da UFRGS. nana\_felipe@yahoo.com.br

Quando desenvolvemos um trabalho de pesquisa, fazemos uso de determinadas teorias, apoiando-nos nelas de maneira provisória, como um caminho a seguir. Também aprendemos que nossas preocupações devem estar focadas nos caminhos, nas escolhas, nas soluções que vamos encontrando, nas saídas que vislumbramos para as questões de pesquisa. O resultado desse caminho trilhado é uma resposta provisória que nos fará, talvez em breve, retornar ao tema tratado para, novamente, buscar entendê-lo.

Este artigo busca refletir sobre algumas das construções empreendidas em torno das masculinidades desde a infância. Para tanto, foram feitas inúmeras observações com um grupo de vinte e cinco crianças de cinco anos de idade, de uma escola infantil da Rede Municipal de Educação da cidade de Porto Alegre, no período de dois meses, totalizando cem horas de observação. Durante esse período, foi possível perceber que as crianças vão criando mecanismos para dar conta das expectativas dos adultos em relação às suas formações de gênero, ficando evidente que esses mecanismos produzem algum bem estar nas crianças e nos adultos. Nas primeiras, quanto mais próximas estiverem do que as professoras e cuidadoras esperam delas, menos serão policiadas. E nos adultos, esse bem estar vincula-se ao fato de se sentirem, de alguma forma, recompensados por estarem dando conta da tarefa de conduzir as crianças a se tornarem homens e mulheres de acordo com os padrões da cultura vigente.

### MASCULINIDADES LÍQUIDAS NA INFÂNCIA?

Como afirma Jane Felipe “As poucas pesquisas existentes que discutem gênero, infância e Educação Infantil remetem-se principalmente às relações entre homens e mulheres frente ao cuidado infantil [...]” (2000, p. 28). Desta forma, torna-se necessário que lancemos o olhar sobre a construção de gênero das crianças pequenas.

Nos últimos anos, é possível encontrar algumas investigações que vêm fazendo tais articulações (ARGUELLO, 2006; GUERRA, 2005; GUIZZO, 2005; SANTOS, 2004; NEULS, 2004). Algumas dessas pesquisas procuraram analisar a dinâmica da sexualidade infantil entre meninos e meninas de 4-5 anos e as estratégias por eles/as utilizadas para expressar seus desejos e prazeres longe do olhar adulto. Já outras investigações analisaram alguns artefatos culturais importantes como propagandas televisivas, revistas, programas de TV e literatura infantil.

Tendo em vista que ainda são incipientes os estudos sobre a constituição das masculinidades na infância, pretendemos aqui contribuir para o aprofundamento desse tema, pensando como algumas representações de masculinidade são acionadas e percebidas pelas crianças.

Poderíamos pensar, a exemplo do que fez Zygmunt Bauman (2001) quando escreveu sobre a liquefação da modernidade, que as masculinidades delineadas na infância também são líquidas, na medida em que elas não se prendem a estruturas sólidas, ou seja, embora haja um conjunto de suportes que as deem sustentação, elas estão, em certa medida, atreladas às expectativas adultas. Talvez possamos pensar que o modo pelo qual as crianças se comportam, o que elas fazem ou dizem são produzidos a partir do que elas pensam ser os desejos adultos para as suas constituições de gênero. Podemos notar isso quando elas fazem gestos, mantêm posturas corporais, empostam a voz de forma diferenciada, utilizam vocábulos inusitados para se expressarem de forma tão teatral que parecem estar tentando nos mostrar que possuem um saber sobre o que é ser homem ou ser mulher. Dependendo de quem os está “vigiando”, eles se apresentarão de diferentes formas. O trabalho de Judite Guerra (2005) presta-se muito bem para exemplificar isso. A autora relata os diversos “segredos sagrados” em torno da sexualidade que transitam pela escola infantil, descrevendo e problematizando os bastidores de uma

turma de crianças, deixando claro que existem coisas que podem ser feitas diante dos adultos e outras que devem ser mantidas em sigilo, principalmente em relação à sexualidade e à descoberta de seus corpos.

Quando se trata do sigilo, é possível perceber que as crianças estão produzindo uma fala própria, de certo modo transgressora das expectativas dos adultos. Esta fala própria é também uma articulação que as crianças fazem das várias informações que têm sobre diversos assuntos (gênero, sexualidade, sexo, interdições), sendo, portanto, uma fala não “original”, mas que, de alguma forma, pode ser entendida como a “voz” da criança, pois elas, quando estão fora do campo de vigilância adulto, conseguem construir um discurso que aproveita elementos dos textos adultos e transforma-os para formas que a elas são pertinentes, mas que aos adultos causariam algumas contrariedades. Neste sentido, podemos dizer que essa fala infantil não grita, nem tão pouco se cala, ela sussurra, acaba se atenuando como uma homeopatia, que tem seu princípio diluído inúmeras vezes, restando dele apenas uma fração mínima do que era no início.

Nossos discursos são atravessados por outros discursos, as vozes que ouvimos ecoam outras vozes e o sentido das palavras e expressões variam, frequentemente, de voz para voz, embora, em nossos esforços racionalistas e unificadores (e o uso de *nossos*, aí, corresponde a uma referência genérica aos homens e mulheres), procuremos cristalizar *os sentidos certos* nos dicionários. (SILVEIRA, 2002, p. 80)

É do conjunto de todas essas vozes, de todas essas mini-certezas<sup>1</sup>, que pretendemos discutir sobre a constituição das masculinidades infantis, entendendo de que forma essas dinâmicas ocorrem no espaço escolar, embora não tenhamos aqui a intenção de estabelecer os elementos “fundantes” das masculinidades. Cabe referir que não é possível falar em uma masculinidade, assim como não tem sentido falarmos em uma

feminilidade, na medida em que existem várias representações do que é ser homem ou mulher, expectativas diversas sobre seus corpos, atitudes, etc, embora algumas masculinidades e feminilidades sejam socialmente mais valorizadas do que outras. Podemos também dizer que há uma luta incessante, e por vezes silenciosa, quase imperceptível, pela imposição de significados. Uma das estratégias mais utilizadas para tal imposição é o argumento da natureza, que parece, por si só, justificar qualquer comportamento, inclusive as desigualdades entre homens e mulheres e entre os diversos grupos sociais (hetero e homossexuais, dentre outros). Dessa forma, a agressividade, por exemplo, costuma ser atribuída naturalmente ao homem, como se houvesse uma essência da qual fosse impossível escapar. No entanto, se prestarmos mais atenção, veremos que existem várias masculinidades que buscam um lugar de hegemonia. Talvez existam tantas outras masculinidades que entendem esse lugar como não sendo seu.

Voltando à liquefação da Modernidade, gostaríamos de trazer uma passagem de Bauman que fala sobre a dificuldade de se manter a forma que se dá às coisas. Entendo que com as masculinidades que começam a se constituir na infância se processa algo semelhante, pois: “como todos os fluidos, eles [elas] não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los [as] nela” (BAUMAN, 2001, p. 14).

Alguns entendimentos que circulam sobre a construção da masculinidade remetem à ideia de que existe uma masculinidade hegemônica que subordina todas as outras (CONNELL, 1995). Essa maneira de entender as tensões de poder que podem ocorrer entre os diversos grupos sociais, não é bastante distante das formulações de Morgan (1999), que afirma que a masculinidade vai se delineando a partir dos discursos que vão sendo produzidos e legitimados pelos sujeitos masculinos. Nolasco (1993, 1995, 2001), em seus estudos, nos alerta para as dificuldades que os homens vêm enfrentando desde o início da Modernidade, sugerindo inclusive a existência de uma crise nas masculinidades.

Todas essas perspectivas nos ajudam a pensar a masculinidade a partir de um determinado período da vida que não a infância. Para as crianças todos esses discursos são uma possibilidade futura, um por vir. Entretanto, tais explicações parecem não dar conta da complexidade que envolve o processo de construção das masculinidades desde a infância, com tantas características peculiares.

Gostaríamos de argumentar que os meninos, e também os homens, são ensinados desde muito cedo a se portarem de acordo com a norma. Isso fica claro nos espaços de uso exclusivamente masculino como vestiários e mictórios públicos. Nesses locais, embora normalmente não existam placas ditando normas de etiqueta para sua utilização, todos sabem que não é um local para observação dos corpos dos seus frequentadores. Estamos em um local que possibilita observação e comparações, entretanto sabe-se que tais comportamentos não condizem com a heteronorma. Entendemos heteronorma no sentido explicado por LOURO (1997, p. 49-50): “Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual, cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos.”

Se formos falar especificamente dos investimentos que são feitos para que a norma seja seguida, teremos, aí sim, um grande material de discussão. Contudo, não foi a partir dessa leitura que propusemos pensar uma masculinidade ainda na infância, pois os meninos transitam por várias representações masculinas, seus discursos deslizam do fantasioso, do realismo fantástico<sup>2</sup> para uma total adesão a uma masculinidade hegemônica aos moldes da que aponta Connel. Porém, em se tratando de crianças, o retorno ao imaginário (fantasioso) se dava de forma tão rápida, que nem parecia que aquele discurso recém postulado sobre o que era ser homem havia existido. As crianças participantes dessa pesquisa, pareciam deixar por conta da imaginação do pesquisador a necessidade de decifrar/conjeturar o que aquilo ‘realmente’ significava.

Na perspectiva teórica aqui apresentada os ‘realmentes’ não devem habitar o centro de nossas preocupações. É, portanto, necessário que nos dediquemos àquilo que surge do próprio humano, que se subsidiam no humano e que é constituído pelos seus próprios discursos. Não devemos, portanto, nos ocupar com uma configuração transcendente de masculinidade. Transcendente no sentido de uma masculinidade que está em algum lugar e que deve ser alcançada em algum momento da vida.

Os meninos têm seus movimentos escrutinados o tempo todo pelos adultos (professoras, cuidadoras, pais, outros/as funcionários/as da escola) e isso lhes dá pistas de como agradá-los, não sendo essas indicações algo que eles entendam como uma ordem a ser seguida. Tais situações servem, quando muito, como forma de barganhar coisas das quais eles precisam. Nesse momento aparece um tipo de masculinidade que se espera das crianças, porém ela é desenhada pelas/os cuidadoras/res, essas/es são os elementos que tentam guiar as crianças para que se aproximem da matriz heterossexual. Esses movimentos passam despercebidos no cotidiano, os investimentos que são feitos não configuram um esquema *maquiavélico*, onde existe alguém ensinando o outro a ser soberano (MAQUIAVEL, 2005). O que ocorre é que as pessoas estão de tal forma absorvidas por essa maneira naturalizada de pensar o mundo, a partir do trinômio gênero-sexo-sexualidade, que buscam de forma muito intensa garantir a heterossexualidade desde a infância. Ou seja, parece que, desde muito cedo, especialmente os meninos precisam vincular sua masculinidade com a heterossexualidade, dando demonstrações claras dessa vinculação. Não é à toa que os pais perguntam a seus filhos quantas namoradinhas eles têm, estimulando-os de forma insistente a apreciarem os corpos femininos (muitos pais mostram revistas de mulheres nuas para seus meninos, por exemplo). Também é possível notar o quanto as famílias e também os/as professores/as costumam pontuar para os meninos os comportamentos que normalmente,

na nossa cultura, são atribuídos às meninas e mulheres. Desta forma, a masculinidade é construída a partir da misoginia, ou seja, do desprezo por tudo aquilo que possa ser considerado tipicamente feminino e também pela homofobia, que consiste no desprezo e aversão aos homossexuais (FELIPE; BELLO, 2009). Não é por acaso que, desde muito cedo, os meninos já possuem seus códigos de como ser sujeitos masculinos, tendo um arsenal de informações que os credenciam a dizer se são homens, se são machos, se não são meninas, nem bichas, nem mulherzinhas. Porém, não se percebe a existência de posições fixas de poder entre eles, isto é, não há ainda, nessa faixa etária, uma hierarquia definidora de quem é mais ou menos “homem” que os outros. É evidente que em determinados momentos aconteciam ‘flashes’ de hierarquia, que após uma claridade muito grande voltava a se apagar. Talvez seja justamente esses jogos de experimentações que acabam, ao longo da vida, ‘estruturando’ as relações entre homens e possibilitando a visualização do binômio hegemônicos/subordinados.

É interessante pensar que a inserção dos meninos e dos homens na masculinidade pode se dar de duas formas diferentes. Aos primeiros, talvez possamos dizer que estão conectados à masculinidade de forma elíptica, sendo perfeitamente possível o afastamento e a aproximação de uma masculinidade específica sem que isso se configure em um problema que deva ser resolvido por eles, meninos. A grande preocupação com esse trânsito em torno de uma masculinidade se dá por conta dos muitos investimentos feitos para que ela seja atingida, estando bastante mais relacionado às expectativas adultas.

Tendo os olhos voltados para a masculinidade que se desenha ainda na infância é necessário buscar uma outra explicação para o fato de elas estarem, em um processo dinâmico, se construindo e sendo construídas. Alguns questionamentos nos tomam de assalto, quando pensamos na constituição desses sujeitos infantis: existe a figura do sujeito infantil masculino? Trata-se de algo que

precise ser inventado ou simplesmente deixado de lado? Deixarmos-nos pensar que a infância é um momento de descobertas e que ser homem é algo que se aprende a partir dela é acreditar que existe a masculinidade “lá fora”, ou no caso das descobertas: “lá por baixo”. Imaginarmos que ser homem é uma coisa que se aprende ao longo do tempo é estarmos atestando o por vir. Mas se tomarmos isso como plausível teremos pelo menos mais duas questões. Uma é, levando-se em conta a grande diversidade de masculinidades, será que as práticas discursivas que nos ensinam o que é ser homem vêm, ao longo dos tempos, flexibilizando-se, vêm se transformando em algo mais permeável a novas formas de se experimentar a vida masculina? Ou, ao contrário, o que estamos vivendo é justamente o recrudescimento das normas de gênero, uma vez que a normatização é uma experiência moderna? Novo homem? Homem guerreiro? Homem sensível? Afinal, o que é ser homem?

Tendo por base a perspectiva teórica pós moderna, acreditamos que existam projetos distintos de masculinidades para adultos e crianças, porém a arquitetura que se pretende para a masculinidade dos meninos não possui uma rigidez tão grande quanto a que é impressa ao projeto adulto. No adulto podemos pensar que as edificações já estão concluídas, o concreto já secou e está tudo garantido. Ledo engano, mesmo as construções mais sólidas ao longo do tempo precisam ser reparadas, reestilizadas, reformadas para que não desmoronem, para que continuem funcionais. Porém, no caso dos meninos, como recém estamos erguendo as fundações do que pretendemos para eles, não admitimos retoques no projeto. Daremos conta dele a qualquer preço, depois, se necessário, que se façam as reformas. Assim fica evidenciado que os meninos vão se constituindo no cotidiano desse “canteiro de obras”. Claro que devemos pensar que construir algo em movimento é bastante inusitado, difícil, sem controle. As crianças, nesse sentido, são bastante frenéticas e parecem descomprometidas com esse futuro que lhes é imposto.

Parafrazeando Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2000), podemos afirmar que a masculinidade, tal como a vida, está em constante mutação. As formas como as masculinidades são apresentadas demonstram de forma exemplar esta tendência: elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho<sup>3</sup>. Com as masculinidades acreditamos que processo semelhante aconteça. Essa afirmação de Sant'anna é importante, pois abre a possibilidade de se pensar que também a forma de se apresentar como homem é um projeto que mesmo não estando acabado (uma história sem fim), já é posto em prática, e isso já ocorre desde a infância.

Os projetos e as práticas/experiências/vivências em torno da masculinidade ocorrem simultaneamente, pois a masculinidade hegemônica estabelece uma grande quantidade de exigências que, como alerta Fernando Seffner (2003, p. 137):

[...] poucos homens [que] detêm o conjunto completo dos atributos prescritos para a masculinidade hegemônica, e talvez se possa dizer que são mesmo poucos aqueles que conseguem reunir uma quantidade razoável daqueles atributos. Desta forma, muitos homens mantêm alguma forma de conexão com o modelo hegemônico que não cumprem na totalidade. Investir nestas características que permitem a conexão com o modelo dominante torna-se importante como forma de desfrutar dos privilégios àqueles concedidos.

Nesse sentido a ideia de projeto, (qual seja, entender que é um processo sem fim, que a cada nova "conquista" existirão outras que deverão ser alcançadas), está muito mais associada à possibilidade de conquista de poderes (que os homens hegemônicos detêm), do que propriamente à satisfação única de se atingir essa forma de masculinidade. O que, de certa forma, pode descaracterizar o entendimento dicionarizado<sup>4</sup> de projeto, restando como possível leitura, no âmbito desse texto, a incessante busca e manutenção de privilégios locais e transitórios.

Comparativamente aos adultos, entendemos que as crianças estão mais expostas às observações, interven-

ções, talvez porque elas ainda estejam desenvolvendo seus mecanismos de escamotear o que não se deve apresentar. Uma possibilidade de entendimento dos funcionamentos masculinos talvez seja a que, durante nosso aprendizado, não vamos consertando nossos distanciamentos do homem hegemônico, vamos sim aprendendo a ocultá-los, buscando formas de não darmos ao conhecimento os nossos segredos mais caros. Nesse sentido podemos acreditar que os homens que mais se aproximam da matriz hetero<sup>5</sup> são aqueles que melhor conseguem encobrir os elementos de sua vida que o afastam dela.

Discurso difícil esse, pois estamos aqui novamente buscando o que há por baixo, o que se pretende esconder, o que não deve ser exposto. Como a intenção aqui não é descobrir nada, visto que não acreditamos na possibilidade de desvelamento de realidades, nem tão pouco que exista essa verdade definitiva escondida, podemos concluir que esses movimentos de dissimulação, de camuflagem, de disfarce são justamente os que constituem as figuras generificadas masculinas e femininas.

Enfim, parece-me possível dizer que a masculinidade e a feminilidade são leis que não 'pegaram'. Legislações que existem, mas que não são cumpridas. Criadas para regular o funcionamento das relações, porém com um grau de frouxidão prática muito grande, e, paradoxalmente, muito rígida na sua elaboração.

## DELINEATING MASCULINITIES SINCE THE CHILDHOOD TIME

### Abstract

This text aims to discuss some questions about the constitution of the masculinities on the context of a Child Education School, viewing some investments to make the children become heteronormatized men and women. To the realization of the analysis, the theoretic references were the Gender Studies, some contributions of the Cultural Studies linked to the analysis post-

structuralist perspective. The observations were made on a group of twenty five children with five years old, from a child school of municipal education on the city of Porto Alegre, in a time of two months, with a whole of one hundred hours of observation.

**Keywords:** Childhoods. Gender. Masculinities.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Termo utilizado pelo compositor Cazuzu, em seu “Blues da piedade”, que aqui será entendido por verdades transitórias.
- <sup>2</sup> O termo fantasioso aqui está referido à possibilidade de criar realidades sem a necessidade de conexão com a “realidade”, e como realismo fantástico o acirramento do “real”, a sua supervalorização. Esse trinômio, fantasia, realismo fantástico e adesão à masculinidade incondicionalmente ficou evidenciado no momento das conversas com os meninos e em algumas entrevistas feitas ao longo da pesquisa, em que foram entrevistadas crianças de 5-6 anos, em uma escola municipal infantil da cidade de Porto Alegre, como parte da pesquisa de mestrado intitulada: homens por vir?, sob a orientação da profª. Jane Felipe.
- <sup>3</sup> “[...], o corpo, tal como a vida, está em constante mutação. As aparências físicas demonstram de forma exemplar esta tendência: elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho”. (Sant’Anna, 2000, p. 50)
- <sup>4</sup> Projeto sm. 1. Plano, intento. 2. Empreendimento. 3. Redação de uma lei, de relatório, etc. 4. Plano geral de edificação. – Miniaurélio Séc XXI: O minidicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda, 5ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- <sup>5</sup> LOURO (2004, p. 17): Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem. (grifos meus)

## REFERÊNCIAS

- ARGUELLO, Zandra. *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BELLO, Alexandre Toaldo. *Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade, *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 185 - 206.
- ESQUIVEL, Laura. *Como água para chocolate*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: SECAD/UNESCO, 2009.
- GUERRA, Judite. *Dos “segredos sagrados”: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- GUIZZO, Bianca Salazar. *Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da Educação Infantil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- MAQUIAVEL. *O príncipe*. São Paulo: Escala, 2005.
- MORGAM, David. Aprender a ser homem: problemas y contradiciones de la experiencia masculina, In: Carmen Luke (org.) *Feminismo y pedagogias en la vida cotidiana*. Madrid: Morata, 1999.
- NEULS, Janaína Souza. *Lições de masculinidade: aprendendo com “A Turma do Didi”*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*, Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- \_\_\_\_\_. (org) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 165 p.
- \_\_\_\_\_. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*, Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000, p. 49 - 58.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. *A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVEIRA, Rosa M. H. “Olha quem está falando agora”: a escuta das vozes na educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*, 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, Jane Felipe de. *Governando mulheres e crianças: jardins de infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (Tese de doutorado).